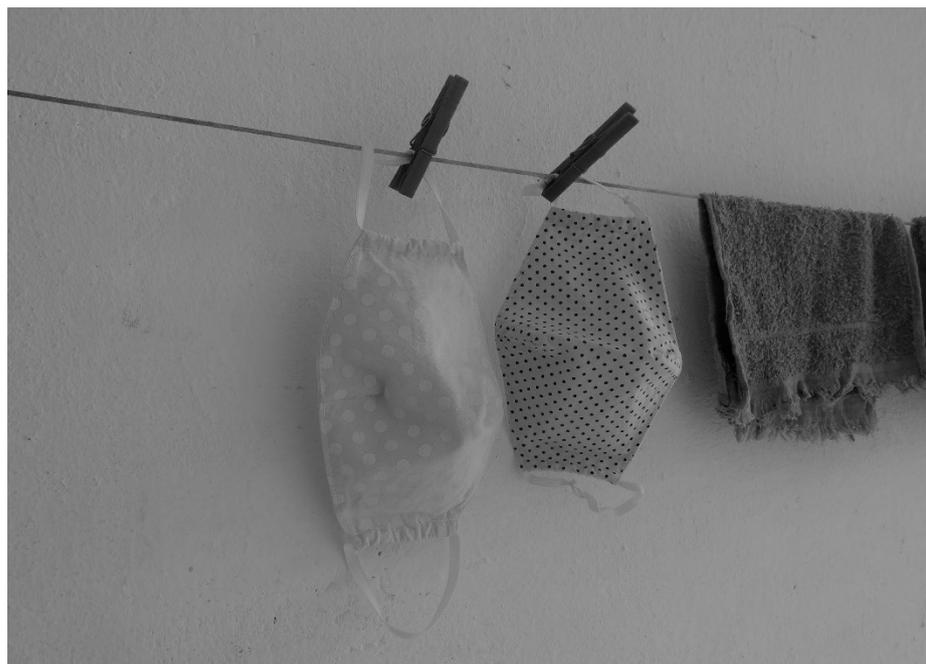

UMA EXPERIÊNCIA COM A QUIETUDE

AN EXPERIENCE IN SILENCE

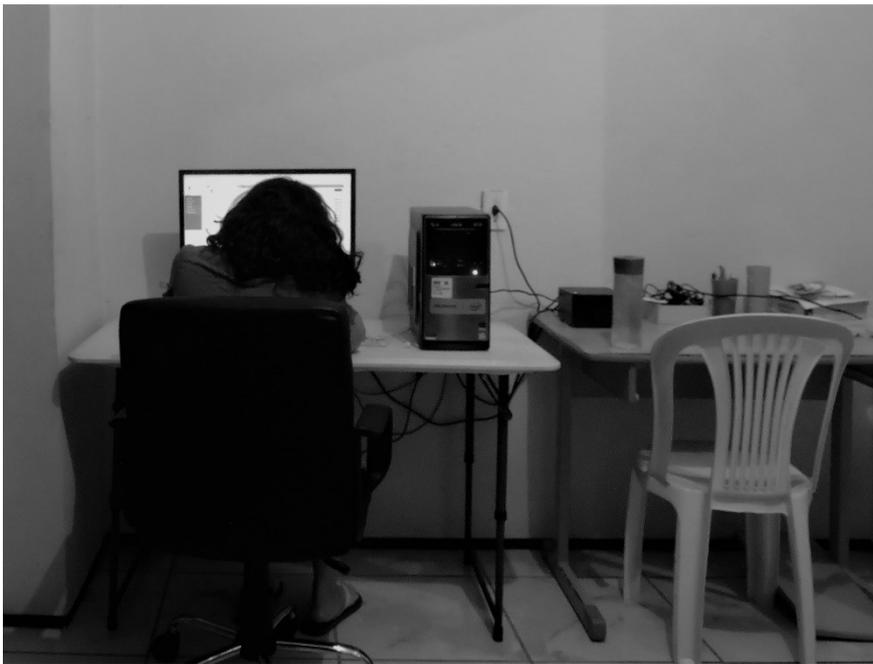
IVIG DE FREITAS SANTOS
Universidade Federal do Ceará

- ENSAIO FOTOGRÁFICO -

O inesperado e longínquo final de março de 2020 me fez perceber melhor como gastamos tão pouco tempo pensando a respeito ou mesmo vivendo a solidão. As fotografias desde então também são testemunhas de uma sensação que pode ser estranha e persistente, uma vez que pode ser até duro demais estar diante de nossas próprias misérias (que se tornam tão mais nítidas quando simplesmente não há ninguém para nos observar). Mas no lugar da solidão, não há olhares e expectativas alheias, não há câmeras ou filtros bonitos. Não há expectativas por aplausos. E há beleza nisso.

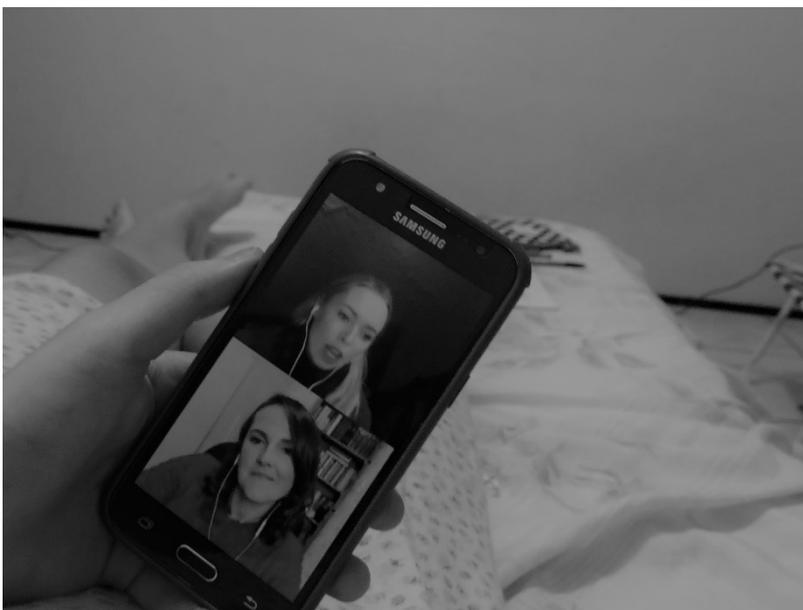


Não importa muito o quanto lutamos contra ela — a solidão sempre nos encontra, afinal. A experiência de estudos durante a graduação, inclusive, tem sido uma grande escola na sobre aprender a estar só durante a minha experiência pessoal. Não me refiro à convivência diária da faculdade, que é quase sempre marcada por encontros divertidos e inesperados entre amigos pelos corredores e nas pausas para o lanche.



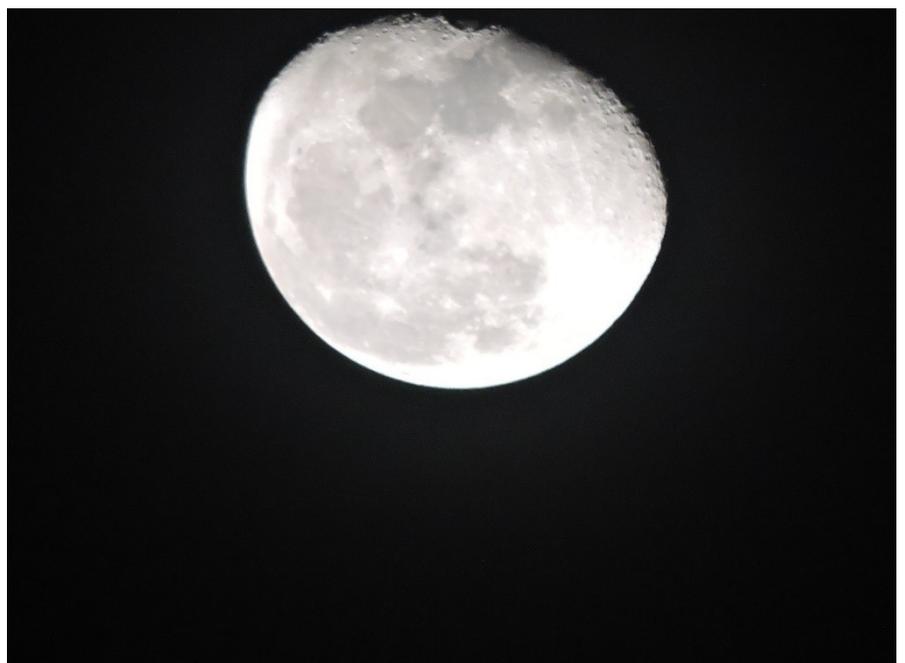
Refiro-me, pelo contrário, ao momento em que as atribuições e os muitos trabalhos da por concluir acompanham-me noite adentro — esta, sem dúvidas, tem sido minha principal experiência com a solidão das madrugadas. E a maioria delas não são registradas pela fotografia, mas ficam profundamente impressas na memória.

Da perspectiva em que a vejo (e não da perspectiva de tantas pessoas que realmente tem sua saúde afetada por estarem a sós, é preciso deixar claro) a solidão tem sido mais uma oportunidade do que um tormento. Sobretudo agora, na realidade do isolamento social e da pandemia que tanto nos assusta e causa medo, ela me tem sido uma chance única de descascar, suave e lentamente, todas as camadas da vida. E também uma chance de ver tudo a partir de novos ângulos.



A solidão é difícil, sim, pois nos empurra para a realidade. E a realidade é uma dose necessária, porém amarga, que precisa ser digerida todos os dias. Enquanto fotografo os dias que parecem mais corridos do que antes, percebo que há coisas que só nos alcançam quando deixamos de olhar com tanto espanto para a quietude. Ela é que me situa em minha própria circunstância e me mostra que, mesmo diante de tantas telas, estar no mundo real é o que de fato importa.

Estar em casa tem sido um convite a revisitar os antigos livros, cozinhar sem pressa, experimentar novas receitas, observar o céu durante a noite — um hábito que aprecio tanto.



A companhia da solidão persiste com o passar dos meses, mas diminui com a flexibilização do isolamento social. E mesmo assim, nem sempre tem sido um fardo. É também uma oportunidade de abraçar a minha realidade, os trabalhos, as atribuições de cada dia e encontrar um sentido sobrenatural em todas elas.



Acordar às 5h30 sem a mesma pressa de sair de casa para não perder o ônibus se transformou em uma chance de ir até a varanda e simplesmente observar a aurora que desliza calmamente no céu. Louvar a presença divina no silêncio e na quietude, longe de ser assustadora, tem sido uma experiência única. Quando nos aquietamos, um novo caminho surge. E o novo sempre vem.



SOBRE A AUTORA

Ivig de Freitas Santos

Discente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC).

E-mail: ivigfsantos@gmail.com

COMO CITAR ESTE ENSAIO FOTOGRÁFICO

SANTOS, Ivig de Freitas. Uma experiência com a quietude. **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 248-253, jul./dez. 2020.

Ensaio fotográfico desenvolvido para a disciplina Globalização e Culturas Contemporâneas, ministrada pela Prof.^a Dra. Maria Érica de Oliveira Lima no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

RECEBIDO EM: 21/10/2020

ACEITO EM: 13/12/2020
